

Tráfego de pessoas: a escravidão moderna que persiste



» MÁRCIA OLIVEIRA
Pesquisadora do Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia (Ufam), doutora em sociedade e cultura na Amazônia (Ufam), com pós-doutorado em sociedade e fronteiras (UFRR)



Em pleno século 21, ainda há seres humanos vendidos como mercadorias. Não em navios negreiros ou mercados públicos, mas em esquemas estruturais, invisíveis aos olhos da maioria, porém tão reais quanto devastadores. O tráfico de pessoas é a terceira atividade ilegal mais lucrativa do mundo, movimentando cerca de US\$ 32 bilhões anualmente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Dinheiro manchado de sangue, sofrimento e silêncios forçados.

O mais chocante? Oitenta e cinco por cento dessa fortuna perversa vem da exploração sexual. Mulheres e meninas são as principais vítimas, representando 65% dos casos globais. E não se engane — o tráfico não acontece apenas em filmes ou em países distantes. Ele está aqui, ao nosso lado, nas fronteiras esquecidas da Amazônia, nos arredores escuros das grandes cidades, até mesmo em casas aparentemente comuns. A diferença é que preferimos não ver.

Em regiões de fronteira, como Pacaraima ou Tabatinga, a Amazônia se torna um terreno fértil para traficantes, que se aproveitam da vulnerabilidade social e da ausência do Estado. Pessoas que fogem da miséria, da violência ou de eventos relacionados com a crise climática e acabam caindo em armadilhas perversas, iludidas por promessas de trabalho e melhores condições de vida. No fim da linha, o que encontramos é um ciclo de exploração sem fim que envolve comercialização dos serviços sexuais (especialmente de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+), trabalho análogo ao escravo e até mesmo a comercialização de órgãos (que envolve mais as crianças).

Há uma estreita ligação entre migrações e tráfico de pessoas. Muitas vezes, o aliciamento inicia com a viagem. Migrantes contraem dívidas com a viagem do seu país para o Brasil e não se dão conta que estão entrando na armadilha do tráfico. Quando percebem, já estão nas mãos dos traficantes, que iniciam processos de extorsão e ameaças. Ao chegar ao Brasil, homens são vítimas de trabalho análogo ao escravo em fazendas, madeiras e garimpos da Amazônia. Mulheres são obrigadas à prostituição, como forma de pagamento das dívidas contraídas na viagem. Há casos de crianças migrantes negociadas para pagamento de

dívidas ou entregues para adoção de pessoas envolvidas com o tráfico humano.

O Brasil, país marcado por desigualdades estruturais, apresenta números que escancaram o problema: crianças e adolescentes negros representam a maior parte das vítimas de violência sexual, com uma média diária de 70 denúncias. Três em cada quatro vítimas de violência sexual no país têm menos de 19 anos. São dados alarmantes, mas ainda subnotificados. A vergonha, o medo e o estigma silenciam as vítimas todos os dias.

E o que estamos fazendo? Indignados por cinco minutos em uma reportagem especial, compartilhando um post nas redes sociais e, logo, esquecendo. Mas o tráfico de pessoas não para. O sistema que alimenta essa máquina cruel segue funcionando, com a convicção da nossa apatia.

O tráfico de pessoas é alimentado por três pilares: vulnerabilidade, demanda e impunidade. Em meio a miséria, desigualdades, guerras e migrações forçadas, quase sempre haverá pessoas dispostas a arriscar tudo por uma vida melhor. Enquanto há clientes que desejam pagar por sexo, trabalho escravo ou órgãos humanos, as redes criminosas continuarão atuando indiscriminadamente. E, enquanto os

traficantes não forem punidos de forma exemplar, o ciclo jamais será interrompido.

No Brasil, desde 2016, o Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas foi interrompido, o que resultou em enormes prejuízos para toda a sociedade. Somente em 2023, o debate foi retomado, e, depois de muito esforço, foi lançado o IV Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, que, novamente, estabelece os objetivos, os eixos estratégicos, as ações prioritárias e as atividades que nortearão o enfrentamento ao tráfico de pessoas para o período de 2024 a 2028 com a autoridade institucional. Durante os anos de omissão por parte do governo federal, se fortaleceram iniciativas como a Rede Um Grito Pela Vida e a Rede Eclesial Pan-Amazônia, que atuam em diversas frentes, de modo especial com a prevenção ao tráfico.

Diante da complexidade do tema e da ampla atuação das redes de tráfico e do aumento das rotas, especialmente nas fronteiras da Amazônia, são necessárias políticas públicas robustas, fronteiras monitoradas, acolhimento digno para migrantes e refugiados (que são as principais vítimas), educação de base para prevenir o aliciamento e, principalmente, justiça social.

Ciência e tecnologia na era da computação quântica



» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

Os computadores que usamos hoje funcionam de maneira simples: toda informação é armazenada como uma sequência de sinais que podem estar ligados (1) ou desligados (0), como um interruptor de uma lâmpada. Essas unidades básicas, chamadas bits, são os blocos fundamentais da computação. Assim como várias lâmpadas acesas e apagadas podem formar imagens em uma tela, bilhões de bits combinados permitem que computadores executem cálculos, analisem dados e resolvam problemas complexos. Esse sistema permitiu avanços como a internet, smartphones, inteligência artificial, até a exploração espacial.

Agora, imagine que uma lâmpada não precise estar apenas acesa (1) ou apagada (0), mas possa estar nos dois estados ao mesmo tempo. No mundo comum, isso parece impossível, mas, na física quântica, partículas podem existir simultaneamente em múltiplos estados. A computação quântica aproveita esse fenômeno por meio dos qubits, a versão quântica dos bits, que podem representar 0 e 1 ao mesmo tempo. Isso permite que, em vez de testar um caminho de cada vez, como fazem os computadores tradicionais, um computador quântico pode explorar múltiplas possibilidades ao mesmo tempo.

Esse salto revolucionário pode acelerar a solução de problemas incrivelmente complexos. Por exemplo, imagine o desafio de encontrar a senha correta para destrancar um cofre com milhões de combinações. Um computador

tradicional tentaria cada senha até achar a certa, o que pode levar muito tempo. Já um computador quântico pode testar múltiplas combinações possíveis de uma vez, encontrando a resposta de forma muito mais rápida.

A computação quântica representa um avanço transformador porque permite resolver problemas que, com os computadores tradicionais, levariam séculos ou até milênios. Isso tem impacto direto em diversas áreas críticas para a sociedade. Na saúde, pode acelerar a descoberta de novos medicamentos e tratamentos personalizados. Na energia, pode ajudar a desenvolver baterias e materiais mais eficientes. Na segurança digital, pode criar sistemas de criptografia mais avançados e protegidos.

E não estamos falando de um conceito distante ou futurista — assim como a inteligência artificial (IA), essa revolução já está em curso e promete transformar o mundo da ciência e da tecnologia muito antes do que imaginamos. A convergência entre essas duas forças abre possibilidades inusitadas, permitindo que algoritmos de IA se tornem mais rápidos, precisos e adaptáveis. Com sua capacidade de processar múltiplos cenários simultaneamente, a computação quântica viabiliza modelos preditivos mais sofisticados e a resolução rápida de problemas complexos que hoje exigem enormes quantidades de dados e tempo de processamento.

Pensemos no impacto dessa convergência para áreas essenciais à sobrevivência humana, como agricultura e alimentação. Sistemas avançados poderão analisar milhões de variáveis climáticas em segundos, prevendo colheitas, antecipando secas e pragas e otimizando o uso de insumos. Plantas e animais mais produtivos e resilientes poderão ser desenvolvidos em tempo recorde, simulando digitalmente milhares de combinações genéticas antes mesmo de chegarem ao campo.

Cadeias de suprimentos poderão ser otimizadas para reduzir desperdícios e aumentar a eficiência na distribuição de alimentos. Novos componentes e produtos alimentares poderão ser modelados para minimizar impactos sobre os recursos naturais. Em um mundo marcado pela crise climática, essa revolução pode nos permitir produzir mais com menos impacto, garantindo um futuro em que ninguém precise escolher entre a produção de alimentos e a preservação ambiental.

Essas transformações dependerão da velocidade e da forma como essas tecnologias serão integradas às nossas realidades produtivas, políticas e sociais. Computação quântica e IA são um salto sem precedentes para enfrentar desafios em todos os setores, mas sua adoção exige infraestrutura adequada, profissionais qualificados, a adaptação de modelos de produção e a regulação necessária para garantir seu impacto positivo na sociedade.

É essencial garantir que essas inovações sejam acessíveis, evitando desigualdades e concentração de poder. Para isso, é fundamental um esforço coordenado para democratizar o acesso e incentivar aplicações estratégicas dessas tecnologias. O Brasil, com sua riqueza de talentos e recursos, precisa agir agora para não se limitar a consumir soluções desenvolvidas por outros, mas, sim, assumir um papel de protagonismo nessa nova era.

O momento de agir é agora. Para não ficarmos para trás, é essencial investir de forma imediata e estratégica em pesquisa, capacitação e políticas públicas que impulsionem a inovação. Essa corrida tecnológica não é apenas sobre competitividade, mas sobre soberania e futuro. As escolhas que fizermos hoje determinarão nosso papel no cenário global amanhã — e, diante dessa revolução, a inércia simplesmente não é uma opção.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Uma rosa ainda com muitos espinhos

Dados fornecidos pelo Núcleo da Violência da Universidade de São Paulo (USP), em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, indicam que, a cada duas horas, aproximadamente, uma mulher é morta de forma violenta em nosso país. No mapa mundial, esse número passa a uma mulher morta a cada 10 minutos, segundo a UNWoman. O grau de violência que tem nas mulheres, de todas as idades e das mais variadas camadas sociais, seu principal alvo demonstra, de forma cabal, que existe em nossa população uma patologia e uma anomalia de tal proporção que não seria exagerado considerar que a sociedade brasileira parece rumar para a própria desintegração.

Observem que esse é um dado verídico que apresenta apenas aqueles casos que culminaram na morte, de forma absolutamente criminoso, de mulheres. Se formos levar em conta também as denúncias feitas formalmente por mulheres que foram vítimas de violência doméstica, de ameaças e de assédios sexuais, de estupros e mesmo assédios morais praticados nos locais de trabalho, os registros não deixam dúvidas de que ser mulher neste país é uma missão que envolve altíssimos riscos.

O que mais chama a atenção nesses dados é que esse tipo de crime vem aumentando a uma taxa de quase 10% ao ano, de acordo apenas com as estatísticas oficiais. Ocorre que muitas dessas violências, quando praticadas por pessoas da família, não chegam sequer a serem denunciadas às autoridades. Daí que muitos acreditam que os dados reais relativos às práticas de violência contra as brasileiras são estarrecedores. De tão recorrentes e bárbaros, foi preciso o estabelecimento de um novo tipo de crime, no caso o feminicídio, como forma de conter essa escalada de violência.

Infelizmente, a criação de delegacias especiais para o atendimento de mulheres e mesmo o advento de leis como a Maria da Penha e a inclusão do feminicídio como crime hediondo, com endurecimento severo nas penas, não tiveram o condão de abrandar os registros de violência praticada contra as mulheres no Brasil.

Além da violência física e moral, as mulheres são vítimas de uma outra forma de crime, aceita por muitos como fatos de menor importância, mas que demonstra um certo comportamento misógino enraizado em nossa cultura há séculos. As discriminações no ambiente de trabalho, com as diferenças salariais entre homens e mulheres e oportunidades diferentes de crescimento dentro da profissão, evidenciam essas injustiças em pleno século 21.

Um outro caso de flagrante discriminação contra as mulheres ocorre durante todas as eleições. Para burlar a lei eleitoral que obriga uma cota mínima de 30% de mulheres na lista de candidatos ao Legislativo, muitos partidos passaram a adotar a estratégia de candidaturas do tipo laranja, na qual mulheres são inscritas, não realizam campanhas e devolvem o dinheiro do fundo eleitoral e partidário diretamente para os caciques desses partidos, que dão a destinação que bem querem aos recursos públicos. Com isso, a representação feminina no Congresso e nas assembleias legislativas permanece desigual, em torno de 30% — isso para um país em que, a cada 10 habitantes, cinco são do sexo feminino. Esse fato não é apenas um desrespeito e um crime praticado contra as mulheres, mas um grave delito contra a própria democracia representativa e o futuro do país.

» A frase que foi pronunciada

“Leolinda, Bertha e Almerinda pavimentaram o caminho para que Celina Guimarães, a primeira eleitora; Eunice Michiles, a primeira senadora; Alzira Soriano, a primeira prefeita; e tantas outras que vieram depois participassem efetivamente da política brasileira. Cada movimento delas foi essencial para que o direito ao voto se tornasse uma realidade na política do país.”

Tribunal Superior Eleitoral, na página do Instagram

Decepção

» Satisfeita com a visita de familiares que moram por toda parte do mundo, Gisele Alvarenga resolveu ciceronear os genros e as noras para conhecer Brasília. Começou pelo Palácio da Alvorada, onde todos podiam chegar perto do vasto gramado, ver as aves criadas por ali. Não é mais assim. Tudo impossível de se aproximar. Até a Catedral estava fechada. Itamaraty, nem pensar. Torre digital? Viagem perdida. Apesar do aumento de turistas, a capital da República não tem sido uma boa anfitriã.

» História de Brasília

As chuvas desta madrugada danificaram, em parte, o jardim do trevo da Igrejinha. A tela colocada sobre a grama, entretanto, evitou maior desastre. (Publicada em 27/4/1962)